

Das margens, contranarrativas: um olhar a partir dos subúrbios do mundo

Renato Cordeiro Gomes*

RESUMO:

O escritor argentino Ricardo Piglia, na conferência “Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)”, de 2000, elege o distanciamento, a distância, para equacionar o problema do futuro da literatura e sua função na sociedade, a que junta mais duas propostas: os limites e a clareza enquanto qualidades para a literatura do século XXI. Propostas essas vistas, a partir da margem, das bordas das tradições centrais, a partir “dos subúrbios de Buenos Aires”, posição estratégica para a elaboração de contranarrativas em relação às ficções do Estado: enredo contra enredo.

Palavras-chave: Margem. Contranarrativa. Ricardo Piglia. Distanciamento.

Das acepções de margem, hoje referentes aos estudos de literatura, de mídia, ou aos estudos culturais e pós-coloniais, busca-se, aqui, reter uma delas. Sabe-se que é certamente lugar comum em tais estudos lançar-se mão das categorias centro/margem, centro/periferia, cosmopolitismo/nacionalismo, global/local, bem como as de diáspora, deslocamentos, desterritorialização e tantas outras, mesmo quando esses estudos são acusados de mais uma vez absorverem teorias geradas nos centros hegemônicos, para dar conta de fenômenos de culturas periféricas, locais, ou ainda dependentes. Gostaria, então, adotar o deslocamento desse tipo de pensamento, para trazer a esta praça de convites (para usar uma imagem de Drummond) uma outra proposta vinda justamente da margem, que elege o “deslocamento” como estratégia discursiva e ideológica para tentar enfrentar a “crise” da literatura no mundo contemporâneo, equacionando a literatura do futuro e o futuro da literatura, em um tempo pós-utópico, o século XXI. Por esse viés, poderíamos falar de uma estratégia contra-hegemônica, que também pode ser adotada numa perspectiva interna a cada literatura nacional, ao construir narrativas contra-hegemônicas que resistem às ficções do Estado. Adota-se uma visada contemporânea, no sentido que lhe dá Agamben, quando considera contemporâneo como o intempestivo, o extemporâneo, o anacrônico: “Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este [...]; mas é por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz de perceber e apreender o seu tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 58-59).

Refiro-me ao ensaio “Una propuesta para el nuevo milenio”, de Ricardo Piglia, publicado no nº 2 do Caderno de Cultura *Margem/Márgenes* (outubro de 2001, mas escrito um pouco antes), caderno logo depois transformado em revista que tem o propósito de discutir as perspectivas transnacionais contemporâneas relativas a literatura, cultura, artes e política, a partir das margens e do local, organizando um espaço de escrita e reflexão que fosse, na sua excentricidade histórica e geográfica, metonímia da condição sociocultural periférica no atual processo de mundialização da economia. O ensaio elege como ideia central o que Piglia chama de “*desplazamiento, distancia, cambio de lugar*”, o que significa “sair do centro, deixar a linguagem falar também das bordas, no que se ouve, no que chega de outro” (2001a, p. 3). Esse núcleo é retomado e ampliado na conferência apresentada em

Cuba, na Casa de las Américas, em 2000, que constitui o pequeno livro *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*, publicado em 2001 pela editora Fondo de Cultura Económica.

Por um jogo de imaginação, essas propostas viriam completar, de um ponto de vista da margem, as que Italo Calvino formulara nas suas *Seis propostas para o próximo milênio*, exatamente a sexta das “lições americanas” que o escritor italiano leria na Universidade de Harvard, mas que não tivera tempo de escrever. Então, entre os valores ou as qualidades que a literatura deveria conservar ou que deveriam persistir no futuro, “para tornar possível uma melhor percepção da realidade, uma melhor experiência com a linguagem” (PIGLIA, 2001b, p.11), Calvino, como sabemos todos, elege a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade, a multiplicidade, valores que ele consignava para a literatura deste milênio e deixa como seu testamento literário. O escritor argentino propõe-se a escrever a sexta, não a consistência, cogitada por Calvino, mas o deslocamento. Formula Piglia:

cómo podríamos nosotros considerar ese problema desde Hispanoamérica, desde la Argentina, desde Buenos Aires, desde un suburbio del mundo. Cómo veríamos nosotros el problema del futuro de la literatura y de su función. No cómo lo ve alguien en un país central con una gran tradición cultural. Nos planteamos entonces ese problema desde el margen, desde el borde de las tradiciones centrales, mirando al sesgo. Y este mirar al sesgo nos da una percepción, quizás, diferente, específica (PIGLIA, 2001b, p.12-13).

A partir dessa tomada de posição, o escritor argentino procura ver as vantagens que não estar no centro às vezes proporciona. Em seu exercício de ficção especulativa, busca imaginar esse valor suplementar (as vantagens de estar na margem) que poderia persistir na literatura do futuro, de uma literatura potencial, o que implicaria inferir a realidade que essa literatura postula. Para imaginar esse mundo alternativo, evoca a noção de começo, de algo que abre caminho, numa perspectiva que se ancora em outro lugar (a margem). A pergunta, por conseguinte, sobre a literatura do futuro é também uma pergunta sobre o limite. A questão, como pondera Piglia, talvez se deva ao fato de que escrever da Argentina (poderíamos acrescentar: do Brasil, da Colômbia, do México, de Angola etc) leve os escritores a confrontarem-se com os limites da literatura, o que implica refletir sobre os limites que a linguagem impõe, quando se fala de algo que está além da linguagem (como o horror, a violência, a corrupção), que aquele que fala não consegue fazer significar, o que não permite ser representado.

Deste modo, se a primeira proposta tem a ver com a noção da verdade como horizonte político e objeto de luta, a segunda está ligada à noção de limite, isto é, a impossibilidade de expressar diretamente essa verdade. Tomando como exemplo um relato de Rodolfo Walsh¹, demonstra Piglia que há uma estratégia de “deslocamento”: atribuir a outro uma cena que condensa e cristaliza uma rede múltipla de sentido, indo além da mera informação, uma vez que é um movimento interno ao relato, que desloca para o outro a verdade da história, verdade que tem a estrutura de uma ficção onde outro fala, isto é, propõe-se construir na linguagem um lugar para que o outro possa falar. “A literatura seria o lugar no qual sempre é o outro que vem a dizer. Yo soy otro, como dizia Rimbaud” – completa Piglia (lembre-se que a frase do poeta francês é “*Je est un autre*”).

Ao privilegiar “*el desplazamiento, la distancia*” como traço fundamental para a literatura deste milênio, o escritor argentino quer, ao fim e ao cabo, discutir o lugar do intelectual e escritor, a sua responsabilidade civil, e o futuro da literatura e as relações entre ela e a política: “existe una verdad de la historia y esa verdad no es directa, no es algo dado, surge de la lucha y de la confrontación y de las relaciones de poder” (PIGLIA, 2001b, p.30). Requer, então, o deslocamento da observação direta da realidade, para reivindicar a visão indireta, mediada por outro, por outras imagens, para se contrapor às ficções oficiais, as ficções do Estado: as narrativas contra-hegemônicas que fazem

frente às narrativas hegemônicas, que, por sua vez, permitem colocar em pauta o próprio conceito de literatura e seus limites.

A proposta do autor de *Respiração artificial* funciona também como estratégia através da qual se percebem continuidades e mudanças nos contatos entre matrizes locais que ressaltam a margem e “abalam”, em graus diversos, as matrizes dadas como universais pelo projeto expansionista do Ocidente, a que se liga a ideia de cosmopolitismo, tomado em sentido tradicional. As excentricidades históricas e geográficas, de que fala Piglia, são, pois, deslocamentos estratégicos, distâncias (certamente ecoa, aqui, o efeito de distanciamento, de Brecht), que permitem um olhar enviesado, possível de medir diferentes direções e velocidades: o espaço e o tempo numa concepção que não ignora o que foi transmitido, ou imposto, pelos colonizadores, mas possibilita gerar descontinuidades, cortes, desvios, para além de uma relação causalista e linear dada como hegemônica, que marcaria a marcha inexorável da história ocidental que o dito processo civilizatório e eurocêntrico impôs².

O deslocamento enquanto ideia regeneradora da margem pode, assim, ser privilegiado como estratégia operacional fecunda para os estudos de literatura e das culturas, se se quer ir além do jogo de fontes e influência. Este tipo de abordagem quase sempre se pauta por uma categoria de valor estético gerado nos centros que, atado àquele processo civilizatório, racionalista, se torna uma maneira de hierarquizar e julgar. Tal estratégia de que a cultura da margem lança mão para resistir à sua conformação passiva ao modelo, à imposição da cópia, da semelhança (o fazer igual), possibilita a assunção de produtos culturais periféricos que, em diálogo e em tensão permanente (interna e externamente), podem fecundar a produção artística dos centros hegemônicos. As excentricidades históricas e geográficas não podem, entretanto, estar dissociadas dos deslocamentos discursivos, atrelando-se, por outro lado, a marcas identitárias que a periferia constrói para si num processo permanente, transformando uma provável identidade estável e seu caráter essencialista numa identidade em processo, que se torna uma urgência em tempos de mundialização econômica e homogeneização cultural.

Deste modo, parece que as propostas de Piglia são pertinentes para um tempo em que a assunção das diferenças (não somente das diversidades) e suas reivindicações e a desterritorialização, ao lado de deslocamentos cada vez mais intensos, por razões diversas (das migrações ao turismo, passando pelos êxodos, pelas diásporas), abalam a conjuntura específica de identidade, locação e locução da cultura, que tem por base uma determinação estável e apresentável de uma localidade, isto é, o que traz as marcas identitárias fornecidas pela permanência, pela continuidade, pela tradição, portanto. Essa realidade pós-moderna do desenraizamento das formas espaciais e temporais e dos homens cria espaços com “limites indeterminados e irregulares” entre e dentro de culturas. Assim, o deslocamento atrelado à diferença borra a identidade estável e homogênea, que passa a ser vista como uma produção sempre em processo e sempre constituída dentro e não fora das representações, como requer Stuart Hall (1990, p. 107).

O deslocamento, que pode ser entendido como espacial-geográfico, ou temporal, ou discursivo, associa-se à noção de limite de que fala Piglia, passível de ser conjugada à problemática da fronteira, que por sua vez implica a noção de transgressão (e vice-versa). Por essa ótica, como postula Hommi Bhabha, as narrativas legitimadoras da dominação cultural ainda estruturadas numa lógica binária de centro e periferia, hierarquizadora e eurocêntrica, podem ser deslocadas para revelar o que ele chama de “terceiro espaço”, em que convivem momentos diferentes do tempo histórico. Ou dito com outras palavras, “a temporalidade não-sincrônica das culturas nacional e global abre um espaço cultural – um terceiro espaço – onde a negociação das diferenças incomensuráveis cria uma tensão peculiar às existências fronteiriças” (BHABHA, 1998, p. 300). Esta concepção está bem próxima do conceito de

entre-lugar formulado por Silviano Santiago, no ensaio de 1971 “O entre-lugar do discurso latino-americano” (1978), quando, motivado pelas teorias da dependência, procura uma metodologia de leitura para ler o lugar de transgressão das literaturas produzidas nos trópicos. A astúcia do olhar periférico, olhar enviesado, que avalia a dependência cultural, para além do econômico, não para negá-la, mas como atitude afirmativa capaz de autoconhecer-se como valor diferencial. Um pé lá, outro cá, num entre-lugar, lugar diferido, pensa-se uma cultura e uma literatura do ponto de vista de uma província ultramarina ou dos subúrbios da periferia (para usar a imagem de Piglia), repensando conceitos etnocêntricos, debilitando esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade. Esse descentramento desloca a cultura europeia de seu lugar privilegiado de cultura de referência, pondo em causa a descolonização do pensamento brasileiro e latino-americano. Transmutação dos valores, que o contato entre culturas diferentes provoca. Entre assimilação e agressividade, aprendizagem e reação, obediência e rebelião, realiza-se “o ritual antropofágico da cultura latino-americana”, aquele que se faz de temporalidades disjuntivas, múltiplas e tensas, temporalidade de entre-lugar, que desestabiliza o significado da cultura nacional como homogênea, pois é uma cultura dividida no interior dela própria, articulando sua heterogeneidade e seu hibridismo (BHABHA, 1998, p. 209).

Neste terceiro espaço, neste entre-lugar, espaço liminar de significação, marcado por tensões de diferenças culturais, as mais criativas formas de identidade cultural, para além das noções de pureza e de originalidade, são produzidas nas “margens entre” (in-between) formas de diferença, nas interseções e transposições através das esferas de classe, gênero, raça, nação, geração, localização. Tanto Bhabha quanto Silviano sublinham o processo ambivalente de cisão e hibridização que, sendo diferente da assimilação, marca a identificação com a diferença da cultura, que pressupõe o ultrapassamento do local como forma pura, limitado por fronteiras, ultrapassamento que se projeta em negociações fronteiriças (BHABHA, 1998, p. 306). Neste sentido, a ansiedade irresolúvel da cultura, porque fronteiriça, articula seus problemas de identificação e sua estética diaspórica em uma temporalidade estranha, disjuntiva, que é, igualmente, tempo do deslocamento cultural e o espaço do intraduzível. Tal processo faz gerar uma poética do reposicionamento e reinscrição que permite olhar as coisas a partir da margem que, como não tem a longa tradição cultural dos centros hegemônicos, pode trabalhar com a noção de anacronismo, em que a defasagem temporal se torna uma vantagem (FIGUEIREDO, 1994), porque pode embaralhar, ou transgredir, aquela tradição que não lhe é própria, ou que passa a sê-lo à medida que é realocada, antropofagizada, ressemantizando-a com dose de suplementaridade. A defasagem temporal possibilita a exigência de “contemporaneidade” em relação ao presente, numa desconexão e numa dissociação: adere ao presente para dele tomar distância (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Desse quadro, derivam-se outras questões. Como construir na linguagem o lugar em que o outro possa falar? Será que estamos vendo matrizes locais ressaltarem da margem abalando matrizes dadas como universais e cosmopolitas pelo poder expansionista do Ocidente? Como transfigurar e conciliar nos discursos das artes, da literatura e das mídias diferentes direções e temporalidades?

É na busca de equacionar questões desse tipo que Ricardo Piglia elabora as suas três propostas. Ao lado do “*desplazamiento*” e da noção de limites da literatura, ou seja, “un desplazamiento para el otro, un movimiento ficcional hacia una escena que condensa y cristaliza una red múltiple de sentido” (PIGLIA, 2001b, p. 35-36), o escritor argentino requer a “clareza da linguagem” como virtude (esta é a terceira proposta). Há um ponto extremo ao que parece impossível de acercar-se, como se a linguagem tivesse uma margem, como se fosse um território com uma fronteira, depois da qual estão o deserto infinito e o silêncio. Acrescenta ele: “En momentos en que la lengua se ha vuelto opaca y

homogénea, el trabajo detallado, mínimo, microscópico de la literatura es una respuesta vital [...]: una lucha contra los estereótipos y las formas cristalizadas de la lengua social” (PIGLIA, 2001b, p. 41).

Com a mediação dessas estratégias políticas, éticas e discursivas, Piglia busca resgatar a função utópica da literatura. A literatura seria um antídoto contra a peste da linguagem (de que fala Ítalo Calvino, ao discorrer sobre a “exatidão”) que faz repetir e modular as construções monolíticas da realidade e se relaciona à língua técnica, demagógica, publicitária que a sociedade impôs. Seus argumentos estão bem próximos da proposta de Ítalo Calvino, ao falar do excesso de imagens no mundo contemporâneo. Afirma ele: “Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos há poucos minutos na televisão” (CALVINO, 1990, p. 107). A advertência contra o excesso que esvazia a experiência é entretanto contrabalançada pelo que o escritor italiano propõe como uma “pedagogia da imaginação”, que possibilitaria recuperar certa essencialidade da imagem, através de um procedimento que levaria a “reciclar as imagens usadas, inserindo-as num contexto novo que lhe mude o significado” (1990, p. 111). Procura ressaltar a relação de dupla implicação entre a expressão verbal e a imagem, em um jogo que dê conta dos processos imaginativos da criação. Busca ver o que há de imagem na palavra e o que há de palavra na imagem, mas não se trata de encontrar os processos interativos entre palavra e imagem; propõe a visibilidade enquanto um meio transparente, através do qual a realidade se apresenta à compreensão: “Penso numa possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair num confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem numa forma bem definida, memorável, auto-suficiente” (1990, p. 108).

Contrapõe assim essa pedagogia à inflação atual das imagens, inflação essa que é reeditada com a formulação de uma “superabundância imagética”, “o dilúvio das imagens pré-fabricadas que inundam a humanidade” (1990, p. 107): “em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo”. Propõe então dois caminhos para se sair do impasse do excesso de imagens: (a) reciclar as imagens usadas, inserindo-as num contexto novo que lhes mude o significado; e (b) apagar tudo e começar do zero, como fez Samuel Beckett que obteve os mais extraordinários resultados reduzindo ao mínimo os elementos visuais e a linguagem, como num mundo de depois do fim do mundo (1990, p. 111).

Tal aspecto leva Calvino a formular sua teoria da “peste da linguagem” e também das imagens, “flagelo linguístico” cujo anticorpo seria a literatura. Diz ele:

Às vezes me parece que uma epidemia pestilenta tenha atingido a humanidade inteira em sua faculdade mais característica, ou seja, no uso da palavra, consistindo essa peste da linguagem numa perda de força cognoscitiva e de imediaticidade, como um automatismo que tendesse a nivelar a expressão em fórmulas mais genéricas, anônimas, abstratas, a diluir os significados, a embotar os pontos expressivos, a extinguir toda centelha que crepita no encontro das palavras com novas circunstâncias (CALVINO, 1990, p. 72).

Como vimos, proposta semelhante é a formulação de Ricardo Piglia, que busca recuperar resíduos utópicos da literatura (resíduos no sentido dado por Raymond Williams), traços ainda vigentes no presente, que se tornam, com essa extemporaneidade, nossos contemporâneos. Fala então no paradoxo da língua privada da literatura que é o rastro mais vivo da linguagem social. A intervenção política do escritor se define, antes de mais nada, na confrontação com os usos oficiais da linguagem, naquilo que ele chama de “ficções oficiais”, a que as contranarrativas da margem resistem. Não é à

toa que, ao findar sua conferência em Havana, evoque as “Cinco dificuldades para escrever a verdade” requeridas por Brecht: ter a coragem de escrever a verdade; ter a inteligência de reconhecer a verdade; possuir a arte de tornar a verdade manejável como uma arma; ter a capacidade de escolher aqueles em cujas mãos a verdade se torna eficiente; ter a astúcia de divulgar a verdade entre muitos, de difundi-la. Assim, o escritor argentino postula um modo de imaginar as possibilidades de uma literatura futura ou as possibilidades futuras da literatura.

From the margins, counternarratives: a view from word’s outskirts

ABSTRACT:

The Argentine writer Ricardo Piglia at “Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)”, 2000, elects the displacement, the distance, to expose the problem about the future of literature and its role in society, to which he joins two other proposals: the limits and the clarity as qualities for the XXI century literature. These proposals are seen from the edge, the edge of the central traditions, from “the outskirts of Buenos Aires”, a strategic position for the development of counternarrative in relation to the fictions of the State: plot against plot.

Keywords: Edge. Counternarrative. Ricardo Piglia. Displacement.

Notas explicativas

- * Professor associado do Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, CNPq.
- ¹ Piglia elege a figura de Rodolfo Walsh como uma síntese do que, para ele, seria a tradição da política hoje na literatura argentina: “um grande escritor e ao mesmo tempo alguém que, como muitos outros em nossa história, levou ao limite a noção de responsabilidade civil do intelectual”. Assim nos apresenta Walsh: “começou escrevendo contos policiais à maneira de Borges e publicou um dos grandes textos de literatura documental da América Hispânica: *Operación masacre*; paralelamente escreveu uma série de relatos curtos e por fim, como ato do movimento de resistência clandestina à ditadura militar, escreveu e distribuiu no dia 24 de março de 1977 esse texto único que se chama “Carta abierta de un escritor a la Junta Militar”. Foi assassinado no dia seguinte em uma emboscada. Sua casa foi arrasada e seus manuscritos, sequestrados e destruídos pela ditadura” (PIGLIA, 2001b, p. 14-15).
- ² Caberia derivar a questão das literaturas nacionais definidas em forma de fronteira, em base geopolítica, como também enquanto “comunidade imaginada” (Benedict Anderson), gerada no ocidente em tempo homogêneo e vazio. A esse pensamento hegemônico cabe perguntar quem imagina, e como se imagina fora dos centros hegemônicos, num tempo heterogêneo (ver, a esse respeito, CHATTERJEE. *La nación en tiempo heterogêneo*, 2008).

Referências

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicartro Honesko. SC: Chapecó, 2009. 92p.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L.L.Reis e Gláucia R. Gonçalves Belo Horizonte: ED. UFMG, 1998. 395p.
- CALVINO, I. *Seis propostas pra o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 141p.
- CHATTERJEE, P. *La nación en tiempo heterogêneo y otros estudios subalternos*. Trad. Rosa Vera y Raúl Henández Asensio. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008. 296p.

- FIGUEIREDO, Vera Follain de. *Da profecia ao labirinto*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. 183p.
- HALL, S. et al. *Culture, media, language*. New York, London: Center for Contemporary Studies, Routledge, 1980. 204p.
- PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el próximo milenio. *Margens/Márgenes*, Belo Horizonte, Mar del Plata, Buenos Aires, n. 2, p. 01-3, out. 2001a.
- _____. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001b. 78p.
- SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. 212p.

Recebido em: 30 de maio de 2011

Aprovado em: julho de 2011